

APRESENTAÇÃO

Alteridade, identidade, trajetórias e organizações

Alteridade e identidade, qual fio de Ariadne, urdem os processos de migração e de constituição das organizações. *Leimotiv* da História, história e estórias. O encontro com o mesmo e com o outro enfatiza humanidade ou estrangeiridade, positivada ou estigmatizada. Ora fossos, ora véus, as fronteiras entre nós e eles, eles e nós. E que dizer das naturalizadas hierarquias domésticas de humanidade?

Emigrar e imigrar, faces de Jano. Opções, imposições? Sentidos construídos, atribuídos ou negociados para narrar e justificar saídas e entradas, expulsões e acolhidas. Ritos e marcas no egresso e no ingresso. Ao jogo das in/desejabilidades portas se abrem ou são trancadas. E as brutas extirpações dos indesejáveis? Solução final. Genocídios de várias matizes. E a preservação, sob a generosa capa do direito à permanência do grupo, do direito à civilização? Humanizar em casa: os bascos sob as botas de Generalíssimo, o esfacelamento literal da língua dos timorenses, a evangelização anterior à inculturação, as políticas colonialistas, os *apartheids* [raciais, sociais, imorais]. Humanizar,

lobotomizar esquemas de percepção da outridade! Recuperar pelo etnocídio?

E o ar da cidade que tornava as pessoas livres? E nos quilombos valia o mesmo? Liberdade de ir e vir, exemplo para marcar a conquista dos direitos civis. Obviedade? Nem tanto. A leitura pelo viés dos direitos pode escamotear as condições de vida nas sociedades exportadora e receptora. E a experiência partilhada de migração? Espectros da Cocanha¹ à Diáspora²; a utopia agora a utopia vindoura, o aceno ao reencontro prometido. Diásporas judaica, armênia, africana, cigana, exílios, e seus espectros em degredos e tantas outras variantes, de menor visibilidade, nem por isso de menor sofrimento. E por que não inserir aqui as relocações populacionais: soldados da borracha, os deslocamentos compulsórios de indígenas e camponeses nos projetos energéticos; a política colonialista francesa frente aos argelinos, os campos de refugiados?

E que dizer das situações híbridas que extrapolam tipologias? Apátridas, "sem papéis", clandestinos,

¹ O imaginário medieval remetia à Cocanha, enquanto utopia da abundância. Para Ginzburg (1987), num momento a Cocanha pode ter sido associada com a abundância, noutra oportunidade, já incluía o "mundus novus", deslocando do contexto geográfico ao social, como espaço de liberdade, de quebra de convenções e opressões. Franco Jr. (1992) ao explorar as diversas concepções da Cocanha, aponta como invariante a opulência indiferenciada, em oposição às hierarquias e nobiliarquia do Graal, de Avalon e o Império de Preste João.

² A categoria diáspora, classicamente, foi empregada às comunidades judias fora da terra de Israel. Segundo Unterman (1992), a diáspora teria iniciado ao fim do período do Segundo Templo, quando surgiram grandes centros judaicos em Babilônia, Alexandria, Roma e em todo o mundo greco-romano. A vida fora da pátria foi acompanhada por um sentimento de exílio e pela institucionalizada esperança na vinda do Messias, que reconduziria o povo a seu país.

indesejáveis que buscam trabalho no primeiro mundo. E a sedentarização dos ciganos no leste europeu? E que dizer dos kaingangues que se movem fora das aldeias?

E de quantas utopias mitos se faz a vida? Milenarismos, Sebastianismo, Terra Sem Males, País de São Saruê...

Quando se levará em conta o “desejo de mobilidade”³? Labutas, sobrevivências e organizações tecem-se com Cocanhas e Diásporas. Penépole e Sísifo sempre recomeçando. Àqueles contemplados com “humanidade” celebre-se rituais de reciprocidade. Aos menos iguais, acione-se a fronteira da humanidade/barbárie. Elias (2000) traz à tona a incômoda invariante de estabelecidos e *outsiders*⁴, infelizmente reiterado e renovado nas díades senhores feudais/vilões [nobreza/vilania]; brancos/negros; católicos/outros; homens/mulheres; estados nacionais poderosos/pequenos. Quando se romperá essa crença coletiva? Desnaturalizar é preciso. Vigília constante!

E muitas são as formas de contar, de lembrar, de escrever. Ao monopólio das leituras e versões legíti-

³ “Seria interessante, de fato, escrever uma história geral dos modos de produção pelo prisma do desejo de mobilidade dos trabalhadores (do campo para a cidade, da cidade para a metrópole, de um estado para outro, de um continente para outro), em vez de examinar esse desenvolvimento apenas do prisma da regulamentação das condições técnicas de trabalho pelo capital” (grifo meu) (HARDT e NEGRI, 2001, p. 232).

⁴ Remeto a Norbert Elias (2000). Ao estudar a comunidade de Winston Parva, apresenta-a como miniatura de um tema humano universal. Os estabelecidos acionam a seu favor a dominação dos melhores e fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. Os *outsiders*, aqueles que chegaram por último, são estigmatizados como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava a virtude humana superior - o carisma grupal distintivo - que o grupo dominante atribuía a si mesmo.

mas contrapõe-se sorrateiramente a língua de Esopo. Indominável, mas acessível aos iniciados. Narrar é preciso! Novas versões a criar. Legitimar e descortinar. Sagas e sagaranas, ficções bem ou mal fundamentadas, podem ser acionadas como brasões de distintividade. Ou amordaçadas, no silêncio que cabe aos estigmatizados. Ou abafadas, quando a ancestralidade não corresponde aos desejos e ares e fumaças de nobreza esperadas. Traçar genealogias é um poder de reconversão à distintividade de uns e silêncio brutal a outros. Alteridade sempre presente.

Perguntas de mais, resposta de menos? Não. Neste volume temos presente a luta pela inevitabilidade dos acontecimentos. Miríades de exemplos de outras formas de vida, de espaços, humanidades e alteridades nos são presenteados em cada capítulo.

Os traços de imigração alemã ao Brasil convergem na busca da liberdade, ao encontro da *Schlaraffenland* [versão alemã da Cocanha]: Niterói e Itapiranga. Luteranos. Católicos, respectivamente. A valoração étnico-confessional acionada como marca de distintividade. Agnes Cristina Wiedemann Lang estuda *A comunidade de luteranos alemães de Niterói: memória e identidade*. As instituições, papel dos jesuítas e a constituição de um campesinato homogêneo étnico-confessional receberam a atenção de André Carlos Werle em *Jesuítas alemães e o projeto de uma colônia étnica e religiosamente homogênea no Extremo Oeste Catarinense: Porto Novo (Itapiranga)*.

Em Poli, Alba e Ferraz encontramos o canto de cisne da condição camponesa no Oeste Catarinense. Odilon Poli, em *Cultura e modo de vida camponês no Oeste Catarinense: as bases para a organização e reação frente à crise dos anos 70*, aponta ao processo de constituição de

um campesinato às expensas da expropriação de outro. Se, num momento, a migração como estratégia de reprodução social camponesa foi amplamente utilizada, noutra instante, a campesinidade internalizada é quem propiciará a reação à crise. Mostrar o esquema axiológico dessa população, suas práticas tradicionais, sua estilização de vida, não significa considerá-la imutável. Ao contrário, é apontar o quanto é dinâmica, interage com a sociedade maior, e o quanto a desafia. Cabe ainda mencionar o espaço de sociabilidade. O acionamento da inclusividade, na rede de vizinhança, nos equipamentos comunitários. Direta e indiretamente deparamo-nos como o acionamento dos estabelecidos e *outsiders*.

Quando o projeto de endorreprodução desses camponeses, naturalizado há algumas gerações, é interdita, depara-se com a crise. Ação para reação às lutas sociais. Ação para migração, acionando a campesinidade. A escrita de Rosa Alba e Verence dos Santos, apontando a migração a *Chapecó no contexto da migração campo/cidade* e a tônica do ensaio fotográfico de Iunes Luiz Ferraz brinda-nos com a verossimilhança dos *Retratos do abandono rural*. Apresentar objetos carregados de obsolescência foi a estratégia de Ferraz em mostrar que "A figura humana não aparece diretamente nas fotografias, mas através delas são percebidas experiências vividas pelos agricultores".

Migração e luta pela terra: serranos em Florianópolis - SC (1970-80), de Adriano Larentes da Silva, nos mostra uma colonização às avessas. A serra e cidade. Se os ares dessa não tornou de imediato a liberdade esperada, foi o espaço de luta pela terra na cidade. E nela se reconstrói a Cruz de Cedro, as narrativas de São João Maria, a reinvenção constante da identidade, forjada no morro da Pe-

nitenciária. Winston Parva também é aqui. E também em Porto Alegre, como mostra Gerson Wasen Fraga ao abordar os desejos e as inevitabilidades da migração Sul Catarinense a Porto Alegre. De carvão a piritas humanas na urbe.

Na trajetória de campesidade, mesmo que desterritorializada, Liliane Moser apresenta as *Organizações econômicas populares no Oeste de Santa Catarina: problematizando experiências de economia solidária em construção*. Organizar é preciso. Análise das experiências emergentes de economia solidária no canto de cisne dos agricultores e seus descendentes. Os fios dos mediadores fazem-se visíveis. A circularidade das experiências, dos diferentes conhecimentos, colocando-os em diálogo, em caminhos de várias mãos é uma das riquezas imprescindíveis para uma agenda de uma economia não substantiva, carregada de novos significados. O quanto trazem da economia corporada camponesa em suas práticas? Exercício de bricolagem aos empreendimentos solidários? No que se aproximam, no que se distanciam das práticas comunitárias do anos iniciais da colonização?

Ana Mágnia Silva Couto, em *Cada um é cada um: o que significa ser coletor de papel na cidade? (trabalho e sobrevivência de papeleiros em Uberlândia - MG)*, remete-nos a Uberlândia, à presença de catadores de papel, lutas pela sobrevivência e condições de trabalho. Nomadismo no espaço urbano? Coletores? Mostra as práticas e lutas para subsistência, como, ao forjarem uma alternativa de sobrevivência, os catadores de papel constituíram um modo de vida específico, que contrasta com os modos de vida tidos como padrão na cidade. E como acionam, situacionalmente, a seu favor, as relações contraditórias de exploração e controle, buscan-

do alternativas para escapar às mesmas. Submeter-se às formas de controle pode significar a possibilidade de garantir o direito a usar o espaço da cidade.

Apesar de Ariadne fornecer o fio, Teseu é o herói. Assim foi. Sempre é possível outras Histórias, histórias e estórias. Deslocamentos movidos pelos desejos. Humanidade sem hierarquia. A alteridade somente para nos lembrar das contingências e imponderabilidades da vida. Aos braços a ferrugem corrói. A dignidade inscrita nos corpos, nos gestos, nas pequenas dobras do corpo, é perene. Condição humana, conquistada a duras penas. Por que Teseu não tecer e desenrolar o fio e Ariadne enfrentar Minotauro? Nas rebeldias da escrita há espaço. Maior ainda nas ações.

Arlene Renk

Vice-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação da UNOCHAPECÓ.

Referências

- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- HART, Michael e NEGRI, Antônio. *Império*. 3ª ed., São Paulo/Rio de Janeiro: 2001.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.